

A amizade entre espectros e estratos

L'amitié entre spectres et strates

Humberto Giancristofaro Carvalho
mestrando do PPGF / UFRJ
CAPES

Resumo: Com base nas pistas deixadas por Derrida, em sua carta de despedida à Deleuze pela ocasião de sua morte, *Terei que errar só*, podemos rastrear os acordos e discordâncias entre eles. Daremos uma ênfase específica quanto à interpretação de Artaud e de suas ideias sobre o *corpo sem órgãos*. Minha hipótese é de que, para ambos, há apenas a condição de impossibilidade de uma amizade, dada pelo agenciamento de um acordo discordante.

Palavras-chave: Deleuze, Derrida, Artaud, Corpo sem órgãos.

Resumé: Sur la base des indices laissés par Derrida, dans sa lettre d'adieu à Deleuze, au moment de sa mort, *Il me faudra errer tout seul*, nous pouvons tracer les accords et désaccords entre eux. Nous allons donner un accent particulier sur l'interprétation à propos d'Artaud et de ses idées sur le corps sans organes. Mon hypothèse est que pour les deux, il ya seulement une condition d'impossibilité de l'amitié donnée par l'agencement d'un accord discordant

Mots-clés: Deleuze, Derrida, Artaud, Corpo sem órgãos, amitié.

Com base nas pistas deixadas por Derrida em sua carta de despedida à Deleuze, *Terei que errar só*, pela ocasião da morte deste, podemos rastrear os acordos e discordâncias entre eles. Daremos ênfase específica quanto à interpretação de Artaud e de suas ideias sobre o corpo sem órgãos. Minha hipótese é de que, para ambos, há apenas a condição de impossibilidade de uma amizade, dada pelo agenciamento de um acordo discordante.

Primeiramente vejamos o que Derrida menciona em sua carta:

Tanta coisa a dizer, sim, sobre o tempo em que com tantos outros de minha “geração” me foi dado partilhar, com Deleuze, a chance de pensar graças a ele, pensando nele. Desde o início, todos os seus livros (mas sobretudo *Nietzsche, Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*) foram para mim grandes desafios para pensar, é claro, mas além disso, ao longo de diferenças bastante evidentes no que chamaria, na falta de outros termos, de “gesto”, “estratégias”, “modo”: de escrever, de falar e talvez de ler, a experiência sempre muito perturbadora de uma proximidade ou de uma afinidade quase total nas “teses”, se se puder chama-las assim. Embora a palavra não seja conveniente, para quem olha essas “teses”, particularmente a que concerne a uma diferença irreduzível à oposição dialética, uma diferença “mais profunda” que uma contradição (*Diferença e repetição*), uma diferença na afirmação alegremente repetida (“sim, sim”), o fato de levar em conta o simulacro, Deleuze sem dúvida permanece, apesar de todas as dessemelhanças, aquele do qual sempre me julguei o mais próximo entre todos desta “geração”. (DERRIDA, 1993, pg.224)

Para compreendermos essa aproximação escapante entre os dois, vamos olhar mais de perto as discordâncias, e em

que nível se dá essa discordância a cerca de um conceito muito caro a Deleuze que foi o CsO¹. Escolhemos esse ponto, pois o próprio Derrida o assinala, quando diz que ainda gostaria de ter tido longas conversas com Deleuze e começaria primeiramente “a respeito de Artaud, à sua interpretação do “corpo sem órgãos”, à palavra imanência que ele sempre usou para fazê-la dizer ou deixar de dizer alguma coisa que ainda permanece sem dúvida em segredo.”²

Baseado em Nietzsche, Artaud demole tudo que é humano, demasiadamente humano, para construir um novo plano, um plano de imanência como diz Deleuze, um ato total que, segundo ele, guarda o poder de desvelar o mundo, mas não de forma metafísica e dialética. Artaud quer descobrir o mundo no próprio mundo, a vida na própria vida. Disse: “O homem, quando não é reprimido, é um animal erótico, há nele um frêmito inspirado, uma espécie de pulsação que produz inumeráveis animais os quais são formas que os antigos povos terrestres universalmente atribuíam a Deus.”³ Não é a busca por um modelo a ser copiado para se viver; é o reconhecimento de que não existe um modelo e tudo que existe é singular dentro de um vasto infinito de multiplicidade de formas existentes. Para isso, o Teatro da Crueldade de Artaud inaugura um teatro da não-representação e foge do uso do texto como centro, falando diretamente ao centro dos sentidos – o sistema nervoso – e não à mente com seus filtros morais. O ator deve expor-se, desnudar-se da máscara que todos carregamos diariamente. Nesse processo, ele fulmina as falsas verdades moralizantes. É um procedimento perigoso do teatro-ritual que se irradia para os espectadores, contaminando a platéia com uma catarse demasiado brutal. O ator expõe suas entranhas, a carne e os órgãos e disseca o homem que há nele. No Teatro da Crueldade,

¹ CsO é a abreviatura de *corps sans organes* que Deleuze começou a utilizar no texto “Como construir para si um corpo sem órgãos” e que vamos adotar deste ponto em diante neste trabalho, salvo exceções por motivos didáticos.

² DERRIDA, 1993. pg. 227

³ ARTAUD, 1974. pg. 102

o ator se reconstrói através da sua atuação, em prol da experiência da vida, o que Grotowski veio a chamar de *ato total*⁴.

Isso era o que expressava a peça poema de Artaud *Para acabar com o Juízo de Deus* e foi essa peça que inquietou Deleuze, Derrida e todos os intelectuais da época. A peça radiofônica, interpretada pelo próprio Artaud deu origem a desassossegos tanto por uma subversão na forma não linear e ruidosa, quanto pelo conteúdo. Ela tem como ápice a afirmação de que:

Colocando-o de novo, pela última vez, na
mesa de autópsia para
refazer sua anatomia.
Eu digo, para refazer sua anatomia.
O homem é enfermo porque é mal construído.
É preciso
desnudá-lo para raspar esse animalúnculo que
o corrói
mortalmente,
deus
e juntamente com deus
os seus órgãos
Pois, amarrem-me se quiserem,
mas não existe coisa mais inútil que um órgão.
Quando tiverem
conseguido fazer um corpo sem órgãos,
então o terão libertado dos seus automatismos
e devolvido sua verdadeira liberdade.
Então o terão ensinado a dançar às avessas
como no delírio dos bailes populares
e esse avesso será
seu verdadeiro lugar. (ARTAUD , 1974, pg.
104)

Ao investigarmos a construção do corpo sem órgãos, nos parâmetros do sistema da crueldade, percebemos que o ponto crucial deste procedimento gira em torno da idéia de relação. Esse artifício é comum no pensamento de Deleuze: ao

⁴ GROTOWSKI, 1987. pg. 180

estabelecer os termos, ele se interessa prioritariamente pela relação entre eles e pelas forças que regem essa relação. O mesmo acontece quando Deleuze estuda o corpo sem órgão. Ele diz:

Eis então o que seria necessário fazer: instalar-se sobre um estrato, experimentar as oportunidades que ele nos oferece, buscar aí um lugar favorável, eventuais movimentos de desteritorialização, linhas de fuga possíveis, vivenciá-las, assegurar aqui e ali conjunções de fluxos, experimentar segmento por segmento dos contínuos de intensidades, ter sempre um pequeno pedaço de nova terra. É seguindo uma relação meticulosa com os estratos que se consegue liberar as linhas de fuga, fazer passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um CsO. Conectar, conjugar, continuar: todo um “diagrama” contra os programas ainda significantes e subjetivos. Estamos numa formação social; ver primeiramente como ela é estratificada para nós, no lugar onde estamos; ir dos estratos ao agenciamento mais profundo em que estamos envolvidos; fazer com que o agenciamento oscile delicadamente fazê-lo passar do lado de consistência. É somente aí que o CsO se revela pelo que ele é, conexão de desejos, conjunção de fluxos, continuum de intensidades. Você terá criado sua pequena máquina privada, pronta, segundo as circunstâncias, para ramificar-se em outras máquinas coletivas. (DELEUZE, 1980, pg.199)

Porém a relação de Derrida com a ideia do corpo sem órgãos recai um pouco mais pela espectralidade do que seriam para Deleuze os estratos, ele não estabelece nenhum ponto como ponto fixo, e mantém o corpo sem órgãos como essencialmente fora dos eixos. Comentando a vida de Artaud, Derrida diz sobre a peça e o corpo sem órgãos:

É uma experiência do corpo e da voz que passa pela ordem da linguagem e da gramática. Ele tenta rasgar o seu corpo para subtrair os ladrões, mas ele tentou arrancar a ordem linguística e gramatical para encontrar uma outra língua que é própria e que passa pela sua garganta. Quando você ouve seus textos, é preciso deixar de lado o sentido e escutar a necessidade de fonemas que chamam uns aos outros. Às vezes, ele escreve uma palavra por causa do som, não por causa do sentido. É ao mesmo tempo tão poético quanto teatral, quanto pictórico. (DERRIDA ,1997, pg.3)

O corpo sem órgãos para Derrida está na ordem do espectro, daquilo que não se apresenta como uma estrutura, não há como tê-lo através de uma experiência específica. É como fazer uma travessia de um rio caudaloso onde não se pode esperar que se consiga chegar em linha reta na outra margem, essa travessia é sempre transversal. O corpo sem órgãos é o que Derrida chama de agarramento escapante. Se existe uma coisa que pode ser inferida na tentativa de construir para si um corpo sem órgãos, questão que Deleuze persegue ao longo de sua obra, é que essa experiência não é da coisa em si, mas da própria distância. O corpo sem órgãos como espectro para Derrida é da ordem do porvir. Portanto, é estar em jogo com ele.

Deleuze já havia dito isso quando afirmou que, desde o momento de desejá-lo, surge a sua “experimentação inevitável”⁵. Nesta afirmação, ele enfatiza que, sendo o CsO um jogo de forças, ele se comporta como todo jogo: ao ser iniciado, o CsO estará acontecendo. Esta largada é a intensidade criada pelo desejo. Desejar o CsO já é relacionar-se com ele, com todo ele, possuir e ser possuído por ele. É o desejo que move. O desejo funciona nesse procedimento como impulso para

⁵ DELEUZE, 1980, p. 185

deslocar o sujeito em direção ao objeto desejado, no caso, em retirá-lo do campo da identidade para um campo desterritorializado, sem sujeito; é deixar de subordinar a diferença à identidade.

Na amizade existente entre essas ideias – que apontam para a efemeridade das funções num sistema e diz que quem faz as regras são os próprios jogadores, já em jogo – é que Deleuze e Derrida se aproximam num acordo discordante. Deleuze explica que esse “acordo das faculdades só pode ser produzido como um *acordo discordante*, pois cada uma só comunica à outra a violência que a coloca em presença de sua diferença e de sua divergência com todas as outras”⁶.

Assim, é a amizade uma contiguidade ao redor, um entre. Devido a essa natureza tão fugidia “é preciso empregar a palavra tão familiar a Aristóteles: ‘ó meus amigos, não há amigos’”⁷. Amizade é uma experimentação de proximidade, é ir junto. Descobrir na amizade as características do corpo sem órgãos é vê-la como esse tipo de relação. O fato de as relações serem transitórias, permite que ela não se aprisione, determine ou se apegue a uma única relação. O intuito do amizade-CsO é produzir os bons encontros aos quais Espinosa se referia. Não é por ser livre que se deva vagar a esmo, ou seja, ter encontros vazios. O que uma amizade-CsO busca não é uma quantidade de relações, mas uma qualidade nestas. Longe de ser uma qualidade moral, o que o CsO deseja é aumentar a sua potência de agir através desses bons encontros, pois, assim, ele se distancia de seu fim, afirmando sua existência.

Nesse ponto, Deleuze se baseia no conceito de encontro, de Espinosa. O encontro é qualquer contato de um corpo com outro que lhe causa uma afecção e produza um afeto. O encontro, então, pode ser bom ou ruim. Bons encontros são aqueles que produzem afetos alegres no corpo afetado. Maus encontros são aqueles que produzem afetos tristes. Afetos

⁶ DELEUZE, 2006, p. 211

⁷ DERRIDA, 1994, p. 31

alegres aumentam a potência de agir, enquanto afetos tristes diminuem essa mesma potência. Para Espinosa, todo corpo é perfeito, ou seja, está no máximo de sua potência de agir a cada instante. Se um corpo sofre um bom encontro, essa potência é aumentada, aumentando a sua perfeição. Se, contrariamente, um corpo sofre um mau encontro, ele tem sua perfeição diminuída. Para Deleuze, a alegria nos impulsiona para além da variação repetitiva do organismo. E os bons encontros são a melhor maneira de o corpo tornar-se mais perfeito. A isto é que ele chamava de Ética da potência e da singularidade dos encontros, na qual não existe o bem e o mal, mas o bom e o mau encontro fortuito.

Daí ser fundamental, para existir a amizade entre Deleuze e Derrida, essa singularidade discordante, afim do mesmo corpo sem órgãos secreto. Esquiva, a imanência escorrega por entre as mãos quando tentamos pega-la. Derrida afirma que, com a morte de Deleuze, para persistir nessa tarefa e manter viva sua amizade para com ele, agora, terá que errar só.

Referências bibliográficas:

DELEUZE, G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006

_____. *Mille Plateaux: capitalismo et schizophrénie*, vol. 2. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.

DERRIDA, Jacques. *Politiques de l'amitié*. Paris: Galilée, 1994

_____. “Terei que errar só”. Trad. Luciana Artacho Penna. In PERBART, Peter Pál. *Cadernos de Subjetividade: Gilles Deleuze*. São Paulo: PUC, 1993, 224-227.

_____. *Entretien avec Jacques Derrida par Pierre Barbancey* in Regards. 27. Septembre, 1997.

ARTAUD, Antonin. *Pour en finir avec le jugement de Dieu*. In _____ . Oeuvres Completes, tomo XIII. Paris: Éditions Galimard, 1974.

GROTOWSKI, Jerzy. *Em busca de um teatro pobre*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1987

